

Cultura pós-moderna, tempo e fragilidade das relações humanas

CELLAC/ECA – USP
2010

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão sobre o comportamento nas relações humanas na sociedade pós-moderna. O trabalho tomará por base principal definições do livro *Amor Líquido*, de Zygmunt Bauman (2003), no qual o autor descreve sobre a fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos, para analisar o filme europeu *Goldfish Memory - Todas as Cores do Amor*. Busca-se, assim, promover a análise e a discussão das relações interpessoais na sociedade pós-moderna.

Palavras – Chaves:

Sociedade pós-moderna, cinema, cultura, relações humanas

Abstract

This article proposes a reflection on the behavior in human relations in post-modern society. The work will build on main the data and definitions of the book *Liquid Love* by Zygmunt Bauman (2003), in which the author describes on the fragility of human ties, the feeling of insecurity that she draws conflicting and wishes to tighten the links and at the same time maintain them weak-kneed, to analyze the European film "Goldfish Memory". Prospection-if so, to promote analysis and discussion of interpersonal relations in post-modern society.

Key-words:

Post – modern society, cinema, culture, human relations

1. Introdução

Nesta época chamada de pós-moderna, muito tem se discutido sobre os rumos das relações humanas e do amor. Apesar de seu prestígio cultural, o amor deixou de ser um puro momento de encanto para se tornar um peso: “Quando é bom, não dura, e quando dura, já não entusiasma” O ideal do amor no qual a sociedade é fixada, herdado do romantismo, tornou-se contraditório com a "paixão pelo efêmero", e a necessidade de reinventá-lo.

Zygmunt Bauman (2003,p.08) afirma que no mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas “*oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro*”, ressalta. Ele acredita que hoje em dia as atenções humanas tendem a se concentrar nas satisfações que esperam obter das relações precisamente porque, de alguma forma, estas não têm sido consideradas plena e verdadeiramente satisfatórias. E, se satisfazem, o preço tem sido considerado excessivo e inaceitável.

Uma metáfora que retrata bem o comportamento dos jovens nos dias atuais em frente ao amor é a do peixinho dourado, usada no filme “Todas as cores do amor” (*Goldfish Memory*, Irlanda, 2003), que diz que a memória de um peixinho dourado dura apenas três segundos. Para o peixinho, depois de uma volta pelo aquário, tudo é novidade. Cada vez que dois peixinhos se vêem, é como se fosse a primeira vez.

Assim como os peixes, que absorvem os acontecimentos por apenas três segundos, os seres humanos vivem cada relação como se fosse à primeira. Quando o que está em jogo é o desejo, não há trauma ou aprendizado possível: todos estão condenados à repetição. Estar em movimento, antes um privilégio e uma conquista, torna-se uma necessidade. Manter-se em alta velocidade, antes uma aventura estimulante, vira uma tarefa cansativa.

Não é de se esperar, que o “relacionamento” é um dos assuntos que está entre os principais motores do atual “boom de aconselhamentos”. Tem ocorrido um crescimento diário de publicações, programas e consultas de aconselhamento. No todo, o que aprendem é que o compromisso, em particular em longo prazo, é a maior armadilha a ser evitada no esforço por se relacionar. Muitos afirmam que ao se comprometerem estarão fechando portas a outras possibilidades românticas talvez mais satisfatórias e completas.

Por isso, segundo Bauman (2003) que em vez de relatar suas experiências e expectativas utilizando termos como relacionar-se e relacionamentos, as pessoas falam cada vez mais em conexões, ou “conectar-se” e “ser conectado”. Em vez de parceiros, preferem falar em “redes”. Diferentemente de “relações”, “parentescos”, “parcerias” e noções similares, uma “rede” serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades. Elas são relações “virtuais”, elas parecem feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as “possibilidades românticas” surjam e desapareçam numa velocidade crescente em volume cada vez maior, aniquilando-se mutuamente e tentando impor aos gritos a promessa de “ser a mais satisfatória e a mais completa”.

Pode-se supor que em nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida, que não garantiriam que o amor que atualmente vivenciam é o último e que têm a expectativa de viver outras experiências como essa no futuro.

“Até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização.

Prova disso, são as estatísticas anunciadas pelo IBGE . A instituição do divórcio, aprovado no País em 1977, e em vigor há 33 anos, se converteu num artifício fácil de ser utilizado para promover o fim de uniões e acelerar ainda mais um incessante movimento de casa e separa. O instituto, que faz um levantamento anual do número de enlacs e rompimentos, constatou que a quantidade de divórcios cresceu seis vezes em números absolutos. Ou seja, em 1984, 30.847 casais resolveram se separar. Já em 2007, 179.342 casamentos tiveram o fim decretado.

Em 2008, o número de dissoluções de casamentos chegou a 290.963, somando as 102.873 separações e os 188.090 divórcios. Destes, 181.456 foram de cônjuges com 20 anos ou mais de idade, ou seja, 4,6% de aumento em relação ao ano anterior. A taxa bateu novamente o recorde desde que o IBGE iniciou o levantamento sobre o divórcio, em 1984.

Por outro lado, cada vez mais gente casa. De 2006 para 2007, o número de casamentos aumentou 2,9%, seguindo uma tendência de crescimento que começou em 2003. Esse aumento foi impulsionado pela união entre solteiros e divorciados – o número de casos passou de 4,4% em 1997 para 7,1% no ano passado. A quantidade de

pessoas que já foram casadas e decidem entrar de cabeça numa nova união também cresceu. Passou de 1,1% há 10 anos para 2,5% em 2007.

Tendência que deve ser ainda mais acentuada depois da recente aprovação pelo Congresso Nacional da Emenda Constitucional nº 66, que dá nova redação ao § 6º artigo 226 da Constituição Federal, que dispõe sobre a dissolubilidade do casamento. Doravante está suprimido o requisito da prévia separação de corpos por mais de 01 ano ou de comprovada separação por mais de 02 anos antes da dissolução do casamento civil. Ou seja, uma união legal não satisfatória pode ser desfeita independentemente do tempo de separação judicial ou de fato. Berman acredita que há uma modalidade de experiência vital que é partilhada por homens e mulheres em todo mundo atual, ele denomina esse corpo de experiência “modernidade”.

Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo – e ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é ser parte de um universo em que, como diz Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”. (BERMAN, 1982:p.15)

David Harvey (1989) afirma que há profundas conseqüências pelo fato da vida moderna estar permeada pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e do contingente, há algumas profundas conseqüências. A transitoriedade das coisas dificulta a preservação de todo sentido de continuidade histórica. “A modernidade, por conseguinte, não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes”.(HARVEY, 1989: p.22)

2. O comportamento humano na era Pós-moderna

Para entendermos melhor as transformações que há três décadas vem acontecendo em todos os setores da sociedade contemporânea como na economia, na cultura, nas formas com que as pessoas se relacionam, na política e nas cidades precisamos nos apropriar de alguns conceitos entre muitos que tentam definir a era pós-moderna, seu reflexo no tempo e nas espacialidades.

Uma deles é o de Frederic Jameson (1984) que afirma que o pós-modernismo não é, senão, a lógica cultural do capitalismo avançado. Alega que passamos para uma nova era a partir do início dos anos 1960, quando a produção da cultura tornou-se integrada à produção de mercadorias em geral.

Já Baudrillard (1981) descreve a cultura pós-moderna como “cultura do excremento”. Afirma que as preocupações pós-modernas com o significante e não com o significado, com o meio (dinheiro) e não com a mensagem (o trabalho social), com a ênfase na ficção e não ficção, nos signos em vez das coisas, antes na estética do que na ética, sugerem um reforço, e não uma transformação, do papel do dinheiro descrito por Marx.

Marx (1985) descreve, pois, processos sociais que agem no capitalismo caracterizados por promover o individualismo, a alienação, a fragmentação, a efemeridade, a inovação, a destruição criativa, o desenvolvimento especulativo, mudanças imprevisíveis nos métodos de produção e de consumo (desejo e necessidades) mudança da experiência do espaço e do tempo, bem como uma dinâmica de mudança social impelida pela crise. Se essas condições de modernização capitalista formam o contexto material a partir do qual pensadores e produtores culturais modernos e pós-modernos forjam suas sensibilidades, princípios e práticas estéticos, parece razoável concluir que a virada para o pós-modernismo não reflete nenhuma mudança fundamental da condição social.

A ascensão do pós-modernismo ou representa um afastamento de modos de pensar sobre o que pode ou deve ser feito com relação a essa condição social, ou reflete uma mudança na maneira de operação do capitalismo em nossos dias. Em ambos os casos, a descrição do capitalismo feita por Marx nos oferece, se for correta, uma base

muito sólida para pensar as relações gerais entre a modernização, a modernidade e os movimentos estéticos que extraem energias dessas condições.

Frederic Jameson (1984) atribui a mudança pós-moderna a uma crise da nossa experiência do espaço e do tempo, crise na qual categorias espaciais vêm a dominar as temporais, ao mesmo tempo, que sofrem uma mutação de tal ordem que não conseguimos acompanhar

O tempo e o espaço não podem ter atribuídos significados objetivos sem se levar em conta os processos materiais e que somente pela investigação destes podemos fundamentar de maneira adequada os nossos conceitos daqueles. Dessa perspectiva materialista, podemos afirmar que as concepções do tempo e do espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social. Como o capitalismo foi (e continua a ser) um modo de produção revolucionário em que as práticas e processos materiais de reprodução social se encontram em permanente mudança, segue-se que tanto as qualidades objetivas como os significados do tempo e do espaço também se modificam.

3. O tempo-espaço e a condição pós-moderna

A transição para a acumulação flexível feita pela implantação de novas formas organizacionais e de novas tecnologias produtivas teve muito a ver com a superação da rigidez do fordismo e com a aceleração do tempo de giro como solução para a crise aberta em 1973.

A aceleração do tempo de giro na produção envolve acelerações paralelas na troca e no consumo. Sistemas aperfeiçoados de comunicação e de fluxo de informações, associados com racionalizações nas técnicas de distribuição possibilitaram a circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade maior.

Segundo Harvey (1989), dentre os muitos desenvolvimentos da arena do consumo, dois têm particular importância. A mobilização da moda em mercados de massa forneceu um meio de acelerar o ritmo do consumo não somente em termos de roupas, ornamentos e decoração, mas também numa ampla gama de estilos de vida e atividades de recreação. Uma segunda tendência foi a passagem do consumo de bens para o consumo de serviços – não apenas serviços pessoais, comerciais, educacionais e de saúde, como também de diversão, de espetáculos, eventos e distrações.

Essa aceleração generalizada resultou uma influência nas maneiras pós-modernas de pensar, agir e sentir. A primeira consequência importante foi acentuar a volatilidade e efemeridade de moedas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias e ideologias, valores e práticas estabelecidas. A sensação de que “tudo o que é sólido se desmancha no ar” raramente foi mais pervasiva, ressalta Harvey.

No domínio da produção de mercadorias, o efeito primário foi a ênfase nos valores e virtudes da instantaneidade e da descartabilidade. Mais do que jogar fora bens produzidos; essa dinâmica na sociedade significou também ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego as coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser. As pessoas acabaram sendo “forçadas” a lidar com a descartabilidade, a novidade e as perspectivas de obsolescência instantânea.

Para Harvey (1989), a volatilidade e a efemeridade tornam extremamente difícil

qualquer planejamento de longo prazo, qualquer sentido de continuidade, geram uma perda de um sentido do futuro, exceto e na medida em que o futuro possa ser descontado do presente.

Já Bauman (2003) observa que os relacionamentos acabaram se tornando investimentos de alto risco, pois eles representam um futuro planejado e as pessoas não querem desperdiçar o tempo nem energia em uma relação que possa não trazer resultado algum. O que se quer é, com o mínimo de esforço, o máximo de satisfação.

“E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas estas características e prometem o desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultado sem esforço.” (BAUMAN, 2003:p.21)

Segundo Bauman (2003), as pessoas agem em suas relações assim como se comportam num shopping. Rendem-se aos impulsos, que ao contrário de seguir um desejo, é algo que se sabe ser transitório, mantendo-se a esperança de que não deixará conseqüências duradouras capazes de impedir novos momentos de êxtases. Seguir um desejo é como caminhar constrangido, de modo desastrado e desconfortável, na direção de um compromisso amoroso.

O que mostra a preferência de muitas pessoas em seu modo de agir, colocam o “conectar-se” no lugar de “relacionar-se”. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos. A distância não é obstáculo para se entrar em contato – mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte. Os espasmos da proximidade virtual terminam, idealmente, sem sobras nem sedimentos permanentes. Ela pode ser encerrada, real e metafóricamente, sem nada mais que o apertar de um botão.

4. Metodologia

A metodologia empregada é a análise de conteúdo, que será empregada no Todas as Cores do Amor, produção irlandesa, dirigida por Elizabeth Gill. A análise do roteiro, das cenas, diálogos e estética visual do filme serão fundamentadas com base em referenciais teóricos dos estudos da sociedade pós-moderna.

Para facilitar a exposição do trabalho, as cenas analisadas e citadas no trabalho serão minutadas, ou seja, ao lado da citação da cena aparecerá em que minuto ela aparece no filme, de modo a facilitar o acesso ao filme.

4.1 Godfish Memory: Todas as Cores do Amor

O filme começa com Tom, professor universitário, que gosta de conquistar as garotas comparando a capacidade de amar dos humanos com a mente dos peixinhos, que rapidamente esquecem o momento anterior. “A cada novo namoro vive-se o amor como da primeira vez”, diz ele. Tudo é novo e excitante. Com esta teoria, Tom conquista muitas mulheres. E é por isso que sua namorada, Clara, o encontra beijando Isolde. Clara vai afogar suas mágoas com Angie. E quando esta aventura acaba, é Angie quem vai se consolar com Red, seu melhor amigo. Red, por sua vez, prefere David, descartando uma namorada – que vai se apaixonar perdidamente por um dos amigos de Tom. E assim, numa ciranda, todos estes jovens habitantes de Dublin se apaixonam, se decepcionam, e depois começam tudo de novo.

Bem construído, o filme de Liz Gill retrata a sociedade pós-moderna de uma ótica realista, com um olhar claro, livre e liberto. Tendo ser o mais leve possível, a diretora apresenta as várias possibilidades e angústias de histórias de amor da atualidade como as famílias não tradicionais, sexualidade livre, as dúvidas em relação aos sentimentos, a busca e a fuga ao mesmo tempo do amor duradouro.

O enredo comprova a afirmação de Bauman que diz que em nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida, *‘que não garantiriam que o amor que atualmente vivenciam é o último e que têm a expectativa de viver outras experiências como essa no futuro’* (Bauman, 2003, p.19). A afirmação acima traduz bem o diálogo realizado entre os personagens Conzo e Clara. Ao contar ao “namorado” que é bissexual, o namorado diz. “Temos é que dizer “sim” para a vida, para o amor e para o prazer. Temos que dizer “sim”, “sim”, “sim”! Quero cheirá-los, prová-los, senti-los. Posso morrer amanhã. Quero tudo agora!” (23:35)

O mesmo acontece no diálogo entre Tom e Isolde. Quando o professor declara seu amor, a jovem responde “pensei que a gente iria só se divertir. Vamos devagar, ok?” (17:13) . Após essa conversa, Isolde desaparece da relação. A possibilidade de um compromisso a faz desistir da relação.

A súbita abundância e a evidente disponibilidade das “experiências amorosas” podem alimentar (e de fato alimentam) a convicção de que amar (apaixonar-se, instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir, e que o domínio dessa habilidade aumenta com a prática e a assiduidade do exercício. Pode-se até acreditar que as habilidades do fazer amor tendem a crescer com o acúmulo de experiências; que o próprio amor será uma experiência ainda mais estimulante do que a que estamos vivendo atualmente, embora não tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois. (BAUMAN,2003: p.19)

O filme mostra, ainda, na cena em que Angie se declara a Clara, a dificuldade das pessoas em amar o próximo (21:02) “Acho que te amo. Desculpe. Acho que não deveria ter dito isso?”. Clara, responde: “Não gosto de usar esta expressão “Eu te amo” significa “você tem que me amar”, “você me pertence” e toda essa baboseira”. Há uma máxima que diz que antes de “amar o próximo como a si mesmo” precisamos primeiro nos amar para depois amarmos o próximo. Mas segundo Bauman, o amor-próprio é construído a partir do amor que nos é oferecido por outros. Outros devem nos amar primeiro para que comecemos a amar a nós mesmos.

Porém, a exortação nos leva a pressupor que o próximo de fato representa esses valores amar o próximo como amamos a nós mesmos significaria então respeitar a singularidade de cada um – o valor das diferenças, que enriquecem o mundo que habitamos em conjunto e assim

o torna um lugar mais fascinante e agradável, aumentando a cornucópia de suas promessas.(BAUMAN, 2002: p.101)

Em outra situação, após uma ruptura por causa de ciúmes, Isolde faz uma proposta a Clara. (1:11:20) “Você quer ser minha namorada exclusiva por uma semana e aí a gente pode renovar ou não por mais uma semana sempre, sem pressão?”. Este diálogo reforça a teoria de Bauman que a “purificação” do sexo permite que a prática sexual seja adaptada a esses avanços padrões de compra/locação. O “sexo puro” é construído tendo-se em vista uma espécie de garantia de reembolso – e os parceiros do “encontro puramente sexual” podem se sentir seguros, conscientes de que a inexistência de “restrições” compensa a perturbadora fragilidade de seu engajamento. Como também reafirma a idéia, já apresentado anteriormente, de compressão tempo-espaco que Harvey defende, onde qualquer planejamento, sentido de continuidade geram uma perda de um sentido do futuro.

Bauman ressalta que é correto, talvez até estimulante e ao mesmo tempo maravilhoso, que o sexo seja assim liberado. O problema é como mantê-lo no lugar quando o lastro foi lançado ao mar; como mantê-lo na fôrma se não se dispõe mais das estruturas. Voar suavemente traz contentamento, voar sem direção provoca estresse.

Por fim, o filme segue mostrando os encontros e desencontros de seus personagens. Apresenta as diversas maneiras que cada casal encontrou para resolver a questão do que poderia ser um relacionamento mais próximo do ideal. E mostra que na época atual a insegurança decorrente é eterna. A incerteza nunca se dissipará de modo total e revogável, e confirmando o que Bauman diz que nenhum episódio está condenado a priori a permanecer eternamente um episódio.

5 . Conclusão

Este trabalho teve como objetivo buscar uma reflexão e promover uma discussão sobre as relações na sociedade pós-moderna. Ficou claro que a vida consumista favorece a velocidade e a volatilidade, o que gera, naturalmente, a mudança de comportamento na sociedade.

Segundo Bauman, a vida consumista favorece a leveza e a velocidade. E também a novidade e a variedade que elas promovem e facilitam. É a rotatividade, não o volume de compras, que mede o sucesso na vida do homo consumens. *“Em geral, a capacidade de utilização de um bem sobrevive à sua utilidade para o consumidor. Mas, usada repetidamente, a mercadoria adquirida impede a busca por variedade, e a cada uso a aparência de novidade vai se desvanecendo e se apagando”*. (BAUMAN, 2003: p.68)

Qualificar os parceiros sexuais tornou-se o primeiro foco de ansiedade. Quando a qualidade decepciona, procura-se a salvação na quantidade. Quando a duração não está disponível, é a rapidez da mudança que pode redimi-lo.

A sociedade perdeu o interesse na qualidade das relações, no sentido real da palavra amor. O mundo hoje parece estar conspirando contra a confiança. A confiança foi condenada a uma vida cheia de frustração. Pessoas, empresas, partidos, comunidades, grandes causas ou padrões de vida investidos com a autoridade de guiar nossa existência freqüentemente deixam de compensar a devoção. De qualquer forma, é raro serem modelos de coerência e continuidade em longo prazo.

O filme Todas as Cores do Amor teve um contribuição fundamental neste estudo. O tema da memória do peixe dourado, usada metaforicamente é perfeita para demonstrar a atitude humana diante do amor. Apresenta a transitoriedade das

identidades sexuais, onde não importa se as predileções são “dons da natureza” ou construtos culturais, o que importa é se cabe ao homo sexualis determinar qual das múltiplas identidades sexuais se ajusta a ele, ou se tal como homo sapiens está destinado a abraçar esse destino e viver sua vida de uma forma que transforme uma sina inalterável numa vocação pessoal. Essa característica faz com que a vida do homo sexualis seja carregada de ansiedade, pois ele carrega sempre a suspeita de um equívoco, de que algo importante foi perdido, inexplorado, de que alguma experiência feliz ainda não foi aproveitada. O roteiro também mostra que nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos aos vínculos e liames espaciais ou temporais. “Eles não têm necessidade ou uso que possam ser justificados pela racionalidade moderna dos consumidores”, afirma Bauman (2003).

6 - Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt, **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt, **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

BERMAN, Marshall, **All that is solid melts in the air**. New York, Penguin Books 1982.

HARVEY, David, **A Condição Pós-moderna**: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. São Paulo, Edições Loyola, 1992. 17 edição: maio de 2008.

MARX, Karl, **O Capital**. . Livro I, vol. 2. 10ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

Brasil, **Constituição**. Emenda Constitucional, nº 66, de 13 de julho de 2010. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 de julho, 2010. Seção 1, p.1. Disponível em URL: [https:// www.planalto.gov.br/ccivil_03/.../Emendas/Emc/emc66.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/.../Emendas/Emc/emc66.htm)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE** – Estatística do Registro Civil. http://www.ibge.gov.br/series_estatisticas/tema.php?idtema=12<https://>

TODAS as Cores do Amor. (Filme – Vídeo). Título Original: Goldfish Memory. Direção e Roteiro: Elizabeth Gill. Produção: Breda Walsh. Intérpretes: Sean Campion, Flora Montgomery, Keith McErlean e outros. Dublin: Irlanda. Europa Filmes, 2003. DVD, 84 minutos, son, color.